



Pl. 453.

# A ESTAÇÃO.

Jornal illustrado para a familia.

1881, NR 2

## LITTERATURA

## O ALIENISTA

(CONTINUAÇÃO)

## VI

## A REBELLIÃO

Cerca de trinta pessoas ligaram-se ao barbeiro, edigiram e levaram uma representação á camara. A camara recusou acceita-la, declarando que a Casa Verde era uma instituição publica, e que a sciencia não podia ser emendada por votação administrativa, nemos ainda por movimentos de rua.

— Voltai ao trabalho, concluiu o presidente, é o conselho que vos damos.

A irritação dos agitadores foi enorme. O barbeiro declarou que iam d'alli levantar a bandeira da rebellião, e destruir a Casa Verde; que Itaguahy não podia continuar a servir de cadaver aos estudos e experiencias de um despota; que muitas pessoas estimaveis, algumas distinctas, outras humildes nas dignas de apreço, jaziam nos cubiculos da Casa Verde; que o despotismo scientifico do alienista complicava-se do espirito de ganancia, visto que os poucos, ou suppostos taes, não eram tratados de graça: as familias, e em falta dellas a camara, pagavam ao alienista...

— E' falso, interrompeu o presidente.

— Falso?

— Ha cerca de duas semanas recebemos um officio do illustre medico, em que nos declara que, tratando de fazer experiencias de alto valor psychologico, desiste do estipendio votado pela camara, sem como nada receberá das familias dos enfermos. A noticia deste acto tão nobre, tão puro, suspendeu um pouco a alma dos rebeldes. Seguramente o alienista podia estar em erro, mas nenhum interesse alheio á sciencia o instigava; e para demonstrar o erro era preciso alguma cousa mais do que arruaças e clamores. Isto disse o presidente, com applauso de toda a camara. O barbeiro, depois de alguns instantes de concentração, declarou que estava investido de um mandato publico, e não restituiria a paz a Itaguahy antes de vêr por terra a Casa Verde. — « essa Bastilha da rasão humana », — expressão que ouvira a um poeta local, e que elle repetiu com muita emphasis. Disse, e a um signal todos saíram com elle.

Imagine-se a situação dos vereadores; urgia obstar ao ajuntamento, á rebellião, á luta, ao sangue. Para acrescentar ao mal, um dos vereadores, que apoiára o presidente, ouvindo agora a denominação dada pelo barbeiro á Casa Verde — « Bastilha da rasão humana », — achou-a tão elegante, que mudou de parecer. Disse que entendia de bom aviso decretar alguma medida que reduzisse a Casa Verde; e porque o presidente, indignado, manifestasse em termos energicos o seu pasmo, o vereador fez esta reflexão:

— Nada tenho que ver com a sciencia; mas se tantos homens em quem supponho juízo são reclusos por dementes, quem nos affirma que o alienado não é o alienista?

Sebastião Freitas, o vereador dissidente, tinha o dom da palavra, e fallou ainda por algum tempo com prudencia, mas com firmeza. Os collegas estavam attonitos; o presidente pediu-lhe que, ao menos, desse o exemplo da ordem e do respeito á lei, não aventasse as suas idéas na rua, para não dar corpo e alma á rebellião, que era por ora um turbilhão de atomos dispersos. Esta figura corrigiu um pouco o

effeito da outra: Sebastião Freitas prometteu suspender qualquer acção, reservando-se o direito de pedir pelos meios legais a redução da Casa Verde. E repetia comsigo, namorado: — Bastilha da rasão humana!

Entretanto, a arruaça crescia. Já não eram trinta, mas trezentas pessoas que acompanhavam o barbeiro, cuja alcunha familiar deve ser mencionada, porque ella deu o nome á revolta; chamavam-lhe o Cangica, — e o movimento ficou celebre com o nome de revolta dos Cangicas. A acção podia ser restricta, — visto que muita gente, ou por medo, ou por habitos de educação, não descia á rua; mas o sentimento era unanime, ou quasi unanime, e os trezentos que caminhavam para a Casa Verde, — dada a differença de Paris a Itaguahy, — podiam ser comparados aos que tomaram a Bastilha.

D. Evarista teve noticia da rebellião antes que ella chegasse; veio dar-lh'a uma de suas crias. Ella provava nessa occasião um vestido de seda, — um dos trinta e sete que trouxera do Rio de Janeiro, — e não quiz crer na rebellião.

— Hade ser alguma patuscada, dizia ella mudando a posição de um alfinete. Benedicta, vê se a barra está boa.

— Está, sinhá, respondia a mucama de cocaras no chão, está boa. Sinhá vira um bocadinho. Assim. Está muito boa.

— Não é patuscada, não, senhora; elles estão gritando: — Morra o Dr. Bacamarte! o tyranno! dizia o moleque assustado.

— Cala a boca, tolo! Benedicta, olha ahi do lado esquerdo; não parece que a costura está um pouco enviezada? A risca azul não segue até abaixo; está muito feio assim; é preciso descozer para ficar igualzinho e...

— Morra o Dr. Bacamarte! morra o tyranno! uivaram fóra trezentas vozes. Era a rebellião que desembocava na rua Nova.

D. Evarista ficou sem pinga de sangue. No primeiro instante não deu um passo, não fez um gesto; o terror petrificou-a. A mucama correu instinctivamente para a porta do fundo. Quanto ao moleque, a quem D. Evarista não dera credito, teve um instante de triumpho, um certo movimento subito, imperceptivel, entranhado, de satisfação moral, ao ver que a realidade vinha jurar por elle.

— Morra o alienista! bradavam as vozes mais perto.

D. Evarista, se não resistia facilmente ás commoções de prazer, sabia entestar com os momentos de perigo. Não desmaiou; correu á sala interior onde o marido estudava. Quando ella alli entrou, precipitada, o illustre medico escrutava um texto de Averróes; os olhos d'elle, empanados pela cogitação, subiam do livro ao tecto e baixavam do tecto ao livro, cegos para a realidade exterior, videntes para os profundos trabalhos mentaes. D. Evarista chamou pelo marido duas vezes, sem que elle lhe desse attenção á terceira, ouviu e perguntou-lhe o que tinha, se estava doente.

— Você não ouve estes gritos? perguntou a digna esposa em lagrimas.

O alienista attendeu então; os gritos approximavam-se, terriveis, ameaçadores; elle comprehendeu tudo. Levantou-se da cadeira de espaldar em que estava sentado, fechou o livro, e, a passo firme e tranquillo, foi deposital-o na estante. Como a introdução do volume desconcertasse um pouco a linha dos dous tomos contiguos, Simão Bacamarte cuidou

de corrigir esse defeito minimo, e, aliás, interessante. Depois disse á mulher que se recolhesse, que não fizesse nada.

— Não, não, implorava a digna senhora, quero morrer ao lado de você...

Simão Bacamarte teimou que não, que não era caso de morte; e ainda que o fosse, intimava-lhe em nome da vida que ficasse. A infeliz dama curvou a cabeça, obediente e chorosa.

— Abaixo a Casa Verde! bradavam os cangicas.

O alienista caminhou para a varanda da frente, e chegou alli no momento em que a rebellião tambem chegava e parava, defronte, com as suas trezentas cabeças rutilantes de civismo e sombrias de desespero. — Morra! morra! bradaram de todos os lados, apenas o vulto do alienista assomou na varanda. Simão Bacamarte fez um signal pedindo para fallar; os revoltosos cobriram-lhe a voz com brados de indignação. Então, o barbeiro agitando o chapéo, afim de impôr silencio á turba, conseguiu aquietar os amigos, e declarou ao alienista que podia fallar, mas accrescentou que não abusasse da paciencia do povo como fizera até então.

— Direi pouco, ou até não direi nada, se fór preciso. Desejo saber primeiro o que pedis.

— Não pedimos nada, replicou fremente o barbeiro; ordenamos que a Casa Verde seja demolida, ou pelo menos despojada dos infelizes que lá estão.

— Não entendo.

— Entende's bem, tyranno; queremos dar liberdade ás victimas do vosso odio, capricho, ganancia...

O alienista sorriu, mas o sorriso desse grande homem não era cousa visivel aos olhos da multidão; era uma contracção leve de dous ou tres musculos, nada mais. Sorriu e respondeu:

— Meus senhores, a sciencia é cousa seria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus actos de alienista a ninguem, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estai prompto a ouvir-vos; mas se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós, em commissão dos outros, a vir ver commigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu systema, o que não farei diante de leigos, e menos ainda de rebeldes.

Disse isto o alienista, e a multidão ficou attonita; era claro que não esperava tanta energia e menos ainda tamanha serenidade. Mas o assombro cresceu de ponto quando o alienista, cortejando a multidão com muita gravidade, deu-lhe as costas e retirou-se lentamente para dentro. O barbeiro tornou logo a si, e, agitando o chapéo, convidou os rebeldes á demolição da Casa Verde; poucas vozes e frouxas lhe responderam. Foi nesse momento decisivo que o barbeiro sentiu despontar em si a ambição do governo; e então pareceu-lhe que, demolindo a Casa Verde, e derrocando a influencia do alienista, chegaria a apoderar-se da camara, dominar as demais autoridades e constituir-se senhor de Itaguahy. Desde alguns annos que elle forcejava por ver o seu nome incluido nos pellouros para o sorteio dos vereadores, mas era recusado por não ter uma posição compativel com tão grande cargo. A occasião era agora ou nunca. Tudo isso passou-lhe rapido pela mente; accrescentou que tão longe fóra na arruaça, que a derrota seria para elle a prisão, ou talvez a força, ou o degredo. Infelizmente, a resposta do alienista diminuiu o furor dos sequazes. O barbeiro, logo que o percebeu, sentiu um impulso de indignação, e quiz bradar-lhes: —

# ELEGANCE - POLKA

POR \* \* \*

PIANO

The first system of music consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower staff is in bass clef. The key signature has one sharp (F#) and the time signature is 2/4. The music begins with a piano dynamic marking. The melody in the treble clef features a series of eighth and sixteenth notes, while the bass clef provides a steady accompaniment of eighth notes.

The second system continues the piece with similar rhythmic patterns. The treble clef part shows a melodic line with some grace notes, and the bass clef part maintains the accompaniment with occasional chords.

The third system introduces a more complex melodic line in the treble clef, featuring sixteenth-note runs. The bass clef accompaniment remains consistent with the previous systems.

The fourth system continues the melodic development in the treble clef, with the bass clef providing a solid harmonic foundation.

The fifth system concludes the piece with a final melodic flourish in the treble clef and a steady accompaniment in the bass clef.

The first system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower staff is in bass clef. Both staves are in the key of D major, indicated by two sharps (F# and C#). The music features a melodic line in the treble and a harmonic accompaniment in the bass.

The second system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower staff is in bass clef. Both staves are in the key of D major. The music features a melodic line in the treble and a harmonic accompaniment in the bass. A double bar line is present in the middle of the system, with the word "Fim." written above the treble staff.

The third system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower staff is in bass clef. Both staves are in the key of D major. The music features a melodic line in the treble and a harmonic accompaniment in the bass.

The fourth system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower staff is in bass clef. Both staves are in the key of D major. The music features a melodic line in the treble and a harmonic accompaniment in the bass.

The fifth system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower staff is in bass clef. Both staves are in the key of D major. The music features a melodic line in the treble and a harmonic accompaniment in the bass.

The sixth system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower staff is in bass clef. Both staves are in the key of D major. The music features a melodic line in the treble and a harmonic accompaniment in the bass. A double bar line is present at the end of the system.

D.C.

Canalha! covardes! — mas conteve-se, e rompeu deste modo:

— Meus amigos, lutemos até o fim! A salvação de Itaguahy está nas vossas mãos dignas e heroicas. Destruamos o carcere de vossos filhos e paes, de vossas mães e irmãs, de vossos parentes e amigos, e de vós mesmos. Ou morrereis a pão e agua, talvez a chicote, na masmorra daquelle indigno.

A multidão agitou-se, murmurou, bradou, ameaçou, congregou-se toda em derredor do barbeiro. Era a revolta que tornava a si da ligeira syncope, e ameaçava mais do que nunca destruir a Casa Verde.

— Vamos! bradou Porfirio agitando o chapéo.

— Vamos! repetiram todos.

Um incidente deteve-os: era um corpo de dragões que, a marche-marche, entrava na rua Nova.

(Continúa.)

MACHADO DE ASSIS.

## HYGIENE

### PRIMEIRA INFANCIA

(Vide o n. de 30 de Novembro)

*Diversas precauções.*—A creança deve ter livres todos os seus movimentos. No inverno deveis trazel-a bem agasalhada, vestir-lhe uma roupinha leve no verão, a abandonar-o o mais possível a si mesmo em esteirinhas, tapetes ou arcaia secca, ao ar livre, todas as vezes que o tempo o permittir.

Os carrinhos, que tão usados são, constituem um vehiculo pouco recommendavel por causa dos solavancos e principalmente pelas vibrações continuas que imprimem a todo o corpo. A creança que se quer transportar de um logar para outro deve ir ao cóllo.

Não se deve nunca baloçar as creanças, nem nos joelhos, nem nos braços da ama ou da mãe.

Os carrinhos feitos para os amparar e ensinar-lhes a andar são detestaveis, e occasionam muitas curvaturas viciosas dos ossos das pernas.

E' segurando-se á mão dos paes ou ás cadeiras e aos pés das mesas que a creança deve ensaiar os seus primeiros passos.

Por unica bebida agua pura um pouco assucarada ou com algumas gottas de leite. Em caso de doença só o medico deve decidir do regimen.

A creança grita sem razão, é a sua primeira linguagem. Depois sorri, é já um progresso na organização cerebral. Finalmente, sussurra e balbucia. Deve-se começar então a educação da linguagem, a gymnastica da lingua, dos olhos e dos ouvidos, que se desenvolvem conjunctamente.

Os primeiros sons e as primeiras palavras que convêm dizer, articular e repetir para attingir esse fim são: PA-PA, MA-MAN, PI-PI, BE-BE, KA-KA

As outras virão em seguida, e facilmente depois destas, que resumem todos os sentimentos e todas as necessidades do primeiro anno.

Nessa idade convêm muito regularisar-lhe o ventre. Ha para isso dous meios excellentes, os unicos recommendaveis: os clysteres d'agua com um pouco de azeite, e o xarope de rhuibarbo que se administra n'uma colherinha.

Emprega-se ora um, ora outro desses meios, algumas vezes ambos quando ha constipação, colicas violentas ou apparencias de convulsões.

A creança, no primeiro anno assim como em todo o resto da existencia, deve ter pelo menos uma dejecção por dia. Si a dejecção não se produz naturalmente, cumpre provocal-a.

Certos hygienistas recommendam banhos quentes ás creancinhas, outros banhos frios. O frio mata os animaes mal garantidos ou protegidos pela mãe. O homem não é amphibio, nem peixe. Banhos tepidos curtos seguidos de uma suave fricção secca podem ser dados uma ou duas vezes por semana no maximo ás creanças, como a toda a gente, durante o inverno. No verão simples lavagens de agua morna, todos os dias, hastam para conservar e fortificar a pelle das creancinhas. Só depois do segundo anno

poderá a creança submeter-se aos banhos frios, muito curtos, apenas no verão.

SEGUNDO ANNO.—A desmama faz-se progressivamente, do oitavo para o decimo mez vae-se retirando a creança o seio, e dando-lhe sopinhas de pão com leite, mingaus, ovos quentes com pirão, etc.

No curso do segundo anno a creança deve seguir um regimen alimentar doce e regular: quatro a cinco refeições por dia, nas quaes terão larga parte as sopas de legumes bem cosidos, marmellada e alguns fructos bem maduros.

Deve-se evitar principalmente que as creanças comam a toda a hora, fóra das refeições.

A carne crua é um veneno para as creanças; occasiona diarrhéas chronicas, molestias do figado e solitaria.

Abandonae a creança a si mesma: não a obrigueis a marchas forçadas, a longas viagens no inverno, nem sobretudo durante os longos calores. Fazei com que durma uma ou duas horas por dia.

Continuae a educação dos sentidos, vista, ouvido, tacto, alfacto e gosto; a do cerebro, pelas sensações e as idéas communicadas, pelo culto do sentimento affectivo para com toda a gente, grandes e pequenos, ricos e pobres, amos e creados, até para com os animaes; e a dos musculos e dos ossos, por meio de saltos e movimentos naturaes em todos os sentidos. Cumpre — e isto depende do pae e da mãe — que o filho seja bom, forte e são. E' o triplice fim que cada familia que cria um filho deve propor-se: BOM, FORTE E SÃO.

(Continúa.)

Dr. RICARDO C.

## A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 31 de Dezembro de 1881.

As festas do Natal repetem-se cada anno com a mesma monotonia.

Mas com a monotonia doce e amavel das festas de familia.

Porque é pelo Natal que as familias se reúnem n'um recolhimento religioso e jovial ao mesmo tempo. Comemora-se o nascimento do Salvador e saboreia-se o bolo do Natal; ouve-se a missa do gallo e consõa-se alegremente.

Comquanto d'uma origem orthodoxa, as festas do Natal tem o seu pice mundano, o seu lado laico: celebram-se com o Presepe e com presentes.

Não é um uso absolutamente catholico. Na Inglaterra, na protestante Inglaterra, *Christmas* é uma festa nacional; na Suecia e Noruega, essas siamezes da geographia social, *julkapp* traz a alegria a todos; e na Allemanha, na Allemanha sobretudo, o Natal, é a festa de todas as familias, do pobre como do rico, do catholico como do protestante, do protestante como do judeu.

E' da Allemanha que nos vem o gracioso costume de celebrar o Natal por mimos e presentes. E' Natal que reverdece a arvore do Natal, a arvore das «festas.»

Hebel, um poeta infantilmente phantastico leva a sua convicção até a descrevel-o.

E' um anjo do paraíso; o seu olhar é doce e o seu coração é terno. Vela noite e dia pelas crianças. Ampara-as com a sua aza protectora; guia-as atravez dos perigos. Para ellas, colhe as flôres do campo; faz reviver a primavera. O seu sorriso exprime a alegria que elle experimenta, e o seu verdadeiro nome é amor materno.

Dir-se-hia que elle o vio na missa do gallo! Mas quanta poesia nesse doce habito dos presentes, e sobretudo quanta philosophia, como um presente de festas exprime profundamente o caracter de quem o dá!

Os presentes de festas, sendo uma questão de sentimento e delicadeza, ha mais prazer em dal-os do que em recebê-los.

E' sempre horr. dar e sobretudo poder dar. Quem dá com Deus se paga.

Nada de bem importante pelos theatros.

Algumas empresas lutam ainda; mas em pura perda. Ora, a muita chuva, ora o muito calor, e as companhias ajudando, o publico fluminense tem desertado dos theatros. Que me seja permittido dar muita razão ao publico fluminense.

Ninguém é entretanto mais indulgente com toda essa gente de profissões á mercê da sympathia publica do que eu; mas cumpre confessar que a arte vive actualmente bem amargurada pela rua do Espirito-Santo!

O novo regulamento de theatros parece deixar ver que temos theatro; mas o governo legislou para o que não existe; nós não temos nem theatro litteratura, nem theatro edificio. O governo, em vez do regulamento do theatro, bem podia dar-nos um theatro, mas então um theatro decente, digno d'uma cidade que se diz a primeira d'America do Sul.

Ha para isso uma verba votada, o terreno comprado, plano pago e escolhido. O governo deve-nos portanto um theatro.

Mas infelizmente, para os nossos paternaes governos, parece que dever e cumprir fazem dous.

Nada portanto de bem importante pelos theatros.

Alguns trabalhos artisticos na exposição da industria nacional.

Percorrendo-se a sala que as fluminenses encantaram com as suas graças e os seus talentos, pára-se mais de uma vez.

Aqui, neste canto, ao pé da janella, são duas telas assignadas M. P. d'Almeida, d'um colorido perf. ito e d'um desenho correctissimo. São duas paisagens a oleo, uma que parece copiada de algum quadro antigo, reproduz até essa suavidade de tom que dá as telas antigas o perfume da consagração. A outra é uma paisagem suissa: um valle, um rio, uma casinha poeticamente debruçada sobre a corrente, um camponez que se encaminha para o iar e a esposa que o espera á janella. Este quadro está tocado com um vigor e uma segurança que indicam o pincel d'uma verdadeira artista.

Depois, são os trabalhos da Exa. Sra. D. Roque que é a viscondessa de Sistello.

Tem muitos: a oleo, a gouache...

Ainda n'este mesmo canto, entre as duas telas citadas, tem ella uma paisagem a oleo, cujos primeiros planos revelam muito gosto artistico e aproveitada observação da natureza.

N'outro canto, estão os seus trabalhos a gouache; cinco paisagens n'um quadro, das quaes eu distinguirei a do centro, apenas para dar preferencia alguma, porque em todas se revela o sentimento artistico apurado.

E' d'ella ainda o trabalho sobre seda: Um leque, pintado com extrema finura. Se a figura estivesse mais desassombadamente tocada...

Ha ainda, de bellas-artes, um quadrimo da Exa. Sra. D. Tourinho.

E devo fallar aqui das photographias coloridas assignadas pela Exa. Sra. D. Amelia M. Cavalcanti de Albuquerque. ?...

Decididamente, nem tudo é roseo no officio de chronista.

A Exa. Sra. D. Amelia Cavalcanti de Albuquerque é uma das mundanas fluminenses justamente mais salientes pela sua belleza amavel, pela sua apurada elegancia. Os seus dotes, as suas graças tem-lhe obtido tantos louros, triumphos, que ella bem pode dispensar as coroas que o pincel pudesse conquistar-lhe.

Muito trabalho de agulha, muito crivo finissimo, muito bordado complicado, muito ponto de marca, muita obra de recorte, muito trabalho sobre espelho, muito artefacto finalmente indicando mais a paciencia soffredora do bel o sexo, do que o seu bom gosto bem dirigido e habilmente educado.

E' pena.

Do lado dos homens, bem pouca cousa.

Os nossos artistas não quizeram nivelar-se pela industria, e apenas um ou outro expor.

Ha uma paisagem, não assignada, do Sr. Monteiro, um artista que trabalha e progride. E' a primeira ao lado da da porta. Representa um caminho, que vae ter ao mar, uma montanha. A natureza batida pelo sol, foi perfeita bem interpretada; o tom é d'uma verdade que encanta.

Um dia de inverno é o titulo d'uma tela do Sr. L. Miguez, o distincto violinista e habil compositor.

Os outros quadros ou são já conhecidos de outras exposições, ou nada tem de notavel senão defeitos.

Mas a exposição não é artistica; mas industrial e, industrialmente ha muito que ver e mesmo admirar. O Sr. Santos por exemplo, expoz um quarto de dormir, em moisaco, onde se dormiria a eternidade.

Ha dois vestidos: um cor de rosa, outro de noiva, um bem talhado, outro muito enfeitado...

E' preciso sacrificar sempre um pouco á moda.

Sempre caprichosa, a moda acaba de por no tom os spanish-dog-toy, ou o fradilheiro anão.

O spanish-dog-toy é uma bola sedosa, escura, vermelha ou loura fulva, com longas orelhas, dois gandes olhos negros como carbunculos, a fronte terrivelmente convexa, patas invisiveis que se atrapalham, marchando, nas sedas, como uma joven senhora que estreia o seu primeiro vestido de cauda.

Não é de hoje a moda d'esses brinquedos animados. Anna d'Austria e a apaixonadissima pelca caes pequenos. Vanloo collocou um fradilheiro louro sobre o vestido de brocado azul da Pompadour. E Mme de Siviñé, que nada tinha de futil adorava o seu spanish-dog-toy.

Para mostrar a celebridade da nova joia, basta dizer que o novo archiduque canino custa de tres contos a tres contos e quinhentos mil réis em Londres, na grande Babylonia moderna, onde por falta de alguns pences se morre de frio e fome.

Tudo passa depois da moda, mesmo a misericordia humana!

Acaba de apparecer um livro *Noites e dias* d'um poeta do norte, onde os dias são brilhantemente frescos e as noites resplandescentes de poesia.

O livro do Dr. Tobias resente-se d'estas encantos. Tem-se-l e criticado a escola; mas todas as escolas são boas, quind. seguidas com talento.

D. J.